

A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS ESCOLARES E EDUCACIONAIS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES E COORDENAÇÃO DE CURSO: UM ESTUDO DE CASO NO BRASIL

**Marilene Proença Rebello de Souza
Tatiana Platzer do Amaral
Christiane Jacqueline Magaly Ramos**

Introdução

Este capítulo tem por objetivo apresentar o processo de formação profissional de psicólogos escolares e educacionais e de docentes em nível superior em Psicologia, tomando como estudo de caso uma das universidades mais antigas e mais reconhecidas e consolidadas do Brasil. A discussão desta temática, se dá a partir da perspectiva da coordenação de curso de psicologia e dos docentes que realizam diretamente esta formação em nível superior, levando em consideração as mudanças ocorridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a área, bem como dos movimentos formativos executados pela Psicologia e pela área em seu processo de consolidação no campo do currículo.

No âmbito dessa pesquisa, foram entrevistados nove docentes, sendo que duas delas tiveram a condição de atuar como coordenadoras do Curso de Psicologia e uma terceira docente assumiu também a Coordenação da Formação de Docência em Psicologia (Licenciatura) em nível superior. Do conjunto de docentes entrevistadas, duas assumiram também o cargo de Direção da IES.

Apresentaremos neste capítulo as principais questões que se referem a: a) trajetória de formação; b) experiência profissional na docência em Psicologia e na Coordenação de Curso, quando for o caso; c) a concepção de educação e a análise das diretrizes curriculares, aqui representadas pelo Projeto Político Pedagógico do curso; d) especificar mais detalhadamente como se dá a formação para atuar no campo da educação; e) quais as atividades de estágio que são desenvolvidas e f) que experiências gostariam de destacar nessa formação e g) desafios a serem enfrentados para esta formação.

Quanto à **trajetória de formação e experiência na docência em Psicologia** e mais especificamente junto à área de Educação, observam-se, a partir das entrevistas, a grande experiência profissional dos docentes entrevistados, sendo os menos experientes com 25 anos de formação e os mais experientes com 49 anos de formação. Todos os docentes têm a formação inicial em Psicologia, sendo apenas um docente entrevistado do gênero masculino, as demais do gênero feminino. A formação aconteceu majoritariamente nas duas instituições de educação superior mais tradicionais do Brasil e do estado de São Paulo. As duas profissionais que se formaram em universidades federais de regiões distintas do Brasil, são das décadas mais recentes.

A formação de pós-graduação predominante dos docentes aconteceu no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PSA) do Instituto de Psicologia da USP. Vale destacar que é um dos programas pioneiros no Brasil que iniciou suas atividades em 1970 para o nível de Mestrado e em 1974 para o nível de Doutorado, conforme apresentado pelo livro intitulado “40 Anos do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano” (Schmidt, *et al.* 2010). A maioria dos docentes entrevistados possui titulação de Livre-Docência em que o candidato se inscreve em Concurso Público, aberto semestralmente, para concorrer a mais um nível da carreira docente da IES e é avaliado por uma banca para qual apresentando uma tese ou a compilação de sua produção científica mais relevante, realizando provas didática e de arguição de Memorial e de Tese. É importante destacar que três das docentes da área possuem o cargo de professoras titulares, último nível da carreira docente da Instituição de Educação Superior - IES, também alçado por concurso público. Vários dos docentes realizaram estágios no exterior, sejam doutorais ou pós-doutorais. A qualificação profissional se expressa na significativa produção científica nacional e internacional, na pesquisa, nas atividades de inserção em entidades, associações, órgãos representativos da profissão, em participação em eventos científicos, na formação de pesquisadores desde a Pré-Iniciação científica até o Pós-Doutorado, e no processo de internacionalização e de participação em políticas públicas.

Sobre a experiência **na Educação, anterior ao ingresso na IES**, destaca-se que sete docentes atuaram na Educação Superior, em instituições privadas, anteriormente ao ingresso na IES pesquisada. Paralelamente a esta atividade, quatro docentes relatam atividades profissionais como

psicólogos(as) escolares nas áreas de Educação Infantil, Educação Especial e Ensino Fundamental em instituições públicas e uma das docentes atuou em projetos de implementação de informática na educação de fundação pública do estado de São Paulo. Três dos docentes entrevistados tiveram também experiência profissional em escolas de educação básica (infantil, fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos).

Um outro ponto que merece destaque, é que o ingresso na docência dos entrevistados varia entre os anos de 1988 e 2011, sendo o tempo de atuação na IES entre 11 e 34 anos. As disciplinas ministradas revelam uma variedade de temáticas do campo da educação, bem como uma abrangência do período de formação.

As disciplinas lecionadas abarcam dois Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de Psicologia da IES. Lembrando que, em 2004, houve uma importante reformulação da concepção e da matriz curricular que implicou uma construção coletiva e democrática fruto de debates que ocorreram de 1994 a 2003. Das docentes entrevistadas, três delas participaram ativamente desta reformulação. No entanto, os demais docentes começam a atuar em diferentes momentos do desenvolvimento do PPC, tendo como referência a matriz curricular de 2004.

Portanto, é importante considerar que o perfil docente para a formação de profissionais em Psicologia e para a atuação no campo da educação constitui-se enquanto um conjunto de professores que possui excelente formação quanto ao nível acadêmico, considerando que a maior parte tem titulação superior ao Doutorado, bem como de aderência à área, o que pode ser verificado pela experiência pregressa e pela dedicação às disciplinas e às pesquisas na área da Psicologia, Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, possibilitando constante atualização das temáticas e das propostas curriculares.

Principais aspectos que constituem o Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia e a formação de psicólogos para atuar na educação

A Instituição de Educação Superior (IES) participante da pesquisa foi criada na década de 1930 e é mantida pelo governo do Estado de São Paulo. Sendo uma IES estadual tem como órgão normativo, deliberativo e consultivo

o Conselho Estadual de Educação (CEE) que orienta as instituições de ensino superior públicas e credencia os cursos. Destaca-se que esta é uma atribuição amparada pela Constituição Estadual e pela Lei nº 7940/1963 que dispõe sobre criação do Conselho Estadual de Educação e dá outras providências.

No entanto, as Diretrizes Nacionais do Curso de Psicologia são fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e são normas obrigatórias que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, mas que não se aplicam obrigatoriamente às IES públicas estaduais.

Na década de 1990, mudanças significativas ocorreram na organização e regulação da educação no país, após amplo debate no processo de redemocratização do país, culminando com a promulgação da Lei nº 9394/1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Da Educação Superior é possível destacar a centralidade dos processos de avaliação e regulação, bem como a orientação da formação pelas Diretrizes Curriculares, superando a ideia de Currículo Mínimo, vigente no curso de Psicologia de 1962 a 2003. Em um primeiro momento, em 1996, é estabelecido o Exame Nacional de Cursos, que ficou nacionalmente conhecido como Provão. Em 2004, é criado o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES (Lei nº 10861/2004, ampliando a concepção de avaliação e voltando a análise para as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes. A avaliação dos cursos tem como base o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação, dentre outros aspectos e a avaliação do desempenho dos estudantes acontece pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - ENADE.

No mesmo ano de 2004, após discussão com especialistas da área, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Psicologia. Nacionalmente, há uma ampla movimentação para a reformulação dos projetos pedagógicos dos cursos de Psicologia e atendimento ao disposto. (Souza; Ramos, 2020)

Concomitante a essa movimentação nacional, ainda que sem se submeter às novas orientações, na IES pesquisada a discussão sobre a reformulação do projeto estava acontecendo desde os anos de 1994.

Em 2006 aconteceu o primeiro Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE do curso de Psicologia que foi elaborado pela Fundação Carlos Chagas (FCC) que tem sede na cidade de São Paulo. Nas entrevistas foi possível verificar que duas docentes participaram da Comissão Nacional

do ENADE - Área de Psicologia e do processo de elaboração da prova, constituída de questões de múltipla escolha e dissertativas.

É possível afirmar, que os docentes nas entrevistas revelam conhecimento desta distinção entre as esferas federal e estadual e buscam compreender a formação oferecida atendendo a uma normatização estadual, sem perder a articulação com o disposto nacionalmente aprovado para os cursos de Psicologia, sendo que nem sempre concordando com a perspectiva das ênfases previstas nas DCNs¹. Podemos observar este aspecto nos excertos a seguir:

Eu acredito que ele [Projeto Político Pedagógico] continua pertinente. Essa comparação com as Diretrizes do MEC: até parece que eles leram o nosso projeto Político Pedagógico, porque tem muita coisa semelhante, ou seja, tem um diálogo muito bom. Nesse sentido, eu vejo que o nosso Projeto [Político Pedagógico] continua muito adequado, porque as Diretrizes Curriculares foram feitas por gente muito avalizada. (Entrevista 8)

Então, a gente tem um currículo que traz questões importantes que foram acontecendo juntamente com as modificações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Psicologia. Então, o nosso currículo é muito articulado com o que estava sendo proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais. Esse é um ponto. (Entrevista 6)

Ele é um projeto [político pedagógico] que enfatiza a formação generalista. Ele enfatiza aqueles princípios fundamentais que têm a ver com a diversidade, direitos humanos como compromisso democrático. (...) O currículo [deste curso de Psicologia] não prevê a necessidade de ênfases. (...) É possível um quintanista estar fazendo coisas de diferentes áreas, quando, em outros cursos (de graduação), não. Ele (aluno de 5o. ano nos cursos de Psicologia regido pelas DCNs) terá que escolher duas áreas para focar melhor [referindo-se às ênfases].

De acordo com as entrevistadas, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia da IES participante desta pesquisa foi aprovado em 2004 com as seguintes características: dimensão generalista, perspectiva crítica

¹ De acordo com o Parecer CNE/CES 0062/2004 que instaura as DCNs na área de Psicologia no Brasil, os cursos de Graduação deverão oferecer pelo menos duas ênfases em processos específicos na formação, principalmente constituída por atividades de estágios supervisionados.

de estímulo à investigação e à atuação profissional, e diálogo com diversas áreas do conhecimento, de forma a trazer para a atualidade as questões históricas nas diversas perspectivas teóricas e metodológicas da Psicologia, favorecendo a interdisciplinaridade. Trata-se principalmente de um currículo em movimento, marcado pela possibilidade de ser discutido amplamente em diversas instâncias, dentre elas a experiência vivida por meio de “encontros didáticos” em que professores e estudantes tematizam questões curriculares, tais como: disciplinas obrigatórias e os estágios supervisionados. Ressalta-se ainda que os encontros puderam ser disparadores de discussões mais amplas que aconteceram no âmbito dos departamentos, como por exemplo, a questão dos estágios supervisionados e da atualização constante das disciplinas. A proposta curricular é constituída sobre disciplinas obrigatórias, optativas eletivas, optativas livres de caráter departamental e interdepartamental que proporcionam a possibilidade de ampliação das escolhas quanto ao percurso formativo, dando condições de conhecimento das diversas áreas e processos clínicos, educacionais, organizacionais, do trabalho, da saúde, da justiça social, de direitos humanos, atravessados pelos princípios da ética profissional.

No âmbito do Projeto Político Pedagógico, é importante ressaltar que a formação oferecida centra-se em três eixos: formação de psicólogos, bacharelado em Psicologia e formação de professores de psicologia (Licenciatura). Neste caso, as disciplinas oferecidas pela formação de professores, referentes à área da educação, também podem ser cursadas pelos estudantes das demais formações. Segundo as docentes entrevistadas, o papel da Licenciatura tem se mostrado muito importante para inserir as temáticas das políticas públicas em educação na formação de psicólogos e principalmente para os que estarão atuando com temáticas educacionais.

Do ponto de vista dos docentes entrevistados, houve um grande avanço no projeto político pedagógico ao possibilitar a flexibilização curricular neste formato acima apresentado. Embora ainda haja aspectos a serem considerados para a melhoria do currículo, várias das propostas apresentadas pelos entrevistados centram-se na necessidade de ampliação do diálogo entre os docentes que estão lotados em diferentes departamentos. Para parte das entrevistadas, haveria que inserir mais experiências práticas na formação.

No percurso das entrevistas, o Curso recebeu o parecer da Comissão do Conselho Estadual de Educação no processo de credenciamento do curso

que aconteceu em 2021. Nesse parecer, segundo a coordenadora do Curso, a Comissão destaca a importância da tradição e da consolidação do curso, cuja formação propicia uma grande quantidade de estudantes envolvidos com atividades de pesquisa e extensão, fruto das políticas de permanência estudantil, por meio de bolsas oferecidas pela Universidade, com ênfase nos estudantes das classes populares que ingressaram pelo sistema de cotas aprovado em 2016. Destaca-se também a relação estreita entre a Pós-Graduação e a Graduação.

Neste sentido, as entrevistadas enfatizaram a importância da participação dos estudantes de Mestrado e Doutorado em estágios para a docência em nível superior, por meio do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) em que realizam estágios em disciplinas de graduação. Além disso, a participação ativa dos Laboratórios de Pesquisa em atividades conjuntas com estudantes de graduação, pós-graduação em projetos de pesquisa e de extensão, possibilitam interação constante entre estudantes de Graduação e de Pós-Graduação. Os projetos de pesquisa dos Laboratórios envolvem temáticas tais como: alfabetização, medicalização, infância e natureza, orientação à queixa escolar, dificuldades de aprendizagem, docência em Psicologia, prevenção à violência nas escolas, preconceito, educação indígena, cultura de memória, direitos humanos, jogos educativos, brinquedos e brincadeiras, educação inclusiva, políticas públicas, intersetorialidade.

Quanto à formação para atuação no campo da educação, alguns aspectos precisam ser ressaltados e que foram modificados pelo PPC de 2004 e também pelas discussões e possibilidades que foram acrescidas à proposta mais geral de currículo então aprovada em uma perspectiva de um “currículo em movimento”.

Um aspecto importante a ser aventado foi a reconfiguração das disciplinas do curso de Psicologia, articulando-se um conjunto de disciplinas na articulação entre Psicologia Escolar, Educacional e Desenvolvimento Humano. Observa-se a importância desta articulação que se deu no Programa de Pós Graduação, nomeado como Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, como também nas disciplinas e nas atividades de estágio supervisionado e de extensão que se fazem presentes na formação de psicólogos.

Especificamente na área de Psicologia Escolar e Educacional, houve uma renovação na concepção das disciplinas e na estrutura curricular quanto

ao percurso formativo de estudantes para atuarem nesse campo. A mudança possibilitou que as disciplinas oriundas de uma concepção de Currículo Mínimo (1962) fossem reconfiguradas em duas disciplinas obrigatórias, a saber: Sujeito, Educação e Sociedade; e Psicologia e Educação, esta última com estágio supervisionado.

Uma terceira disciplina optativa/eletiva com estágio supervisionado, foi denominada de Psicologia Escolar e Práticas Institucionais, com a finalidade de ampliação da possibilidade de atuação nas escolas para instituições educacionais. Podendo, assim, acontecer a complementação em disciplinas que propiciam a formação em pesquisa na área de Psicologia Escolar e Educacional ou em atividades de extensão que possam ser contabilizadas em disciplinas com créditos.

Outro ponto importante de destaque das entrevistadas refere-se à implementação, em 2006, do curso de Formação de Professores em Psicologia (Licenciatura), atendendo à Resolução CNE/CP 01/2002. Seu objetivo foi o de oferecer uma formação opcional e adicional ao curso de formação de psicólogos, podendo ser iniciada a partir do 2º semestre letivo do estudante e a constituição da Comissão de organização do Curso na IES foi tripartite, composta por docentes, funcionários e estudantes. Assim analisam os entrevistados:

(...) houve uma mudança na organização das Licenciaturas na USP e as unidades que oferecem as Licenciaturas puderam criar as suas comissões de coordenação das Licenciaturas. Então o da Psicologia optou por isso. Isso fez com que a Licenciatura começasse a ser mais pensada dentro do Instituto de Psicologia, antes ela era na Faculdade de Educação. (Entrevista 7)

Em linhas gerais, a nossa estrutura curricular é composta por disciplinas obrigatórias da faculdade de Educação como: POEB - Política e Organização da Educação Básica; Didática e tem outras optativas; Metodologia do Ensino de Psicologia I e II, são todas disciplinas oferecidas na Faculdade de Educação. Nós temos as disciplinas oferecidas no IP, além dessas tem a disciplina Educação Inclusiva, que se tornou obrigatória, que incorporou inclusive a Educação de Surdos, as disciplinas de Estágio, as disciplinas da Experimental. (Entrevista 3)

A inserção do Curso de Formação de Professores de Psicologia trouxe de forma mais constante a discussão da

educação no curso de Psicologia, conforme analisam os docentes da área:

A oportunidade de trazer a formação da licenciatura, com a reorganização do projeto pedagógico, para o próprio Instituto de Psicologia permite que os discentes articulem os conhecimentos das disciplinas obrigatórias da formação em Psicologia e repercute na formação geral.

Isso foi criando um lugar da Educação dentro do Instituto e a gente percebe que muitas vezes na aula ou na supervisão eles mencionam: Eu li isso na Licenciatura. Ou eles vem me procurar: Eu vi isso na licenciatura. Há uma queixa deles de que eles têm poucas disciplinas sobre Vygotsky, sobre a Teoria Histórico Cultural, não sei muito bem como a gente vai poder resolver isso na Psicologia. Porque isso demandaria, abrir mais uma disciplina, e há somente uma professora dessa área no departamento. Teria que fazer uma avaliação melhor de como fazer isso. Talvez uma articulação com outras colegas, mas acho que é um desafio interessante pensar em como oferecer essa perspectiva teórica posta de uma forma mais aprofundada. (Entrevista 7)

É importante que nós profissionais da Psicologia estejamos presentes, pois a gente tem contribuição para fazer no campo da Educação. De lutar, de fortalecer essas frentes progressistas que lutam por uma educação mais democrática. Se nós não estivermos presentes, a gente nem sabe o que está acontecendo. (Entrevista 3)

Às vezes eu acho que esse olhar crítico ele pode ser levado a um limite, a um extremo, que pode nos deixar num lugar menos propositivo às vezes, eu penso. Mas acho que isso faz parte da formação das tensões que são próprias do educar, vamos dizer assim, na educação formal. (Entrevista 4)

Embora com várias questões referentes às possibilidades de estágio nesse campo e as necessidades de abertura de novas formas de inserção de psicólogos na educação e na docência, bem como das tensas discussões que temos hoje quanto à política federal para o Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular, os docentes mencionam experiências importantes quer nos estudos sobre os temas educacionais, quer nas práticas que os estudantes estão realizando por meio dos estágios nas escolas públicas técnicas na cidade de São Paulo.

Estes avanços precisam superar alguns desafios, dentre eles o diálogo constante entre os docentes da área de educação para que seja possível conhecer

melhor as necessidades de formação e a possibilidade de inserção de novas temáticas e novas questões no currículo. Algumas discussões sobre a conjuntura advinda da Pandemia de Covid-19, bem como dificuldades enfrentadas na realidade social, como a questão da violência contra as escolas e nas escolas, são alguns dos temas que mereceriam maior atenção. Como analisa uma das entrevistadas: “Eu acho que no fundo a gente acaba reproduzindo muito esse conceito de Cátedra: “Eu sou o professor daquela disciplina, eu respondo por ela.” (Entrevista 7)”, trazendo a sua crítica à necessidade de articulação da área. Nas entrevistas, comparece a presença mais frequente de diálogo na pós-graduação do que na graduação. O trabalho coletivo é uma temática que perpassa várias entrevistas, assim como a necessidade de espaços de discussão mais sistemáticos na graduação, com destaque ao campo da educação:

Não, não tem uma chamada institucional para isso e informalmente nós não nos organizamos. De fato, eu acho que essa é uma lacuna que nós temos e que nos deixa mais frágeis (...) Eu acho que quando a gente se articula e pensa em projetos mais coletivos a gente se fortalece mais como área. E até a gente deixa mais claro para os alunos o que é uma área de atuação. (Entrevista 7)

(...) como dar continuidade a essa área e a essa forma de pensar a Educação dentro do Instituto de Psicologia. Por isso, esse momento de articulação entre nós precisaria dar um pouco esse sustento, para que a gente tivesse mais clareza do que deve ser essa formação e ao mesmo tempo dar a uma formação que possa levar os alunos a compreender a área e as possibilidades que a área tem construído. (Entrevista 7)

Outro aspecto interessante da discussão refere-se ao fato dos estudantes questionarem a ausência de autores brasileiros e latinoamericanos na bibliografia em detrimento de autores europeus. Como analisa um dos entrevistados, esta é uma solicitação importante que precisaria ser também uma discussão da área e não somente uma solicitação dos estudantes. Sem que haja essa discussão, nos fragilizam frente aos argumentos:

A gente está vendo que os alunos estão assumindo um protagonismo bem interessante e essa demanda pelos autores latino americanos (...) a gente tem que ter uma escuta, tem que dialogar com esses autores e o nosso curso ainda está centrado no pensamento europeu e norteamericano. Temos que descolonizar, deixar emergir novas ideias a partir disso tudo. (Entrevista 5)

Então, foi um pedido dos alunos e não uma discussão da área, que é muito diferente. Por isso que eu falei, isso nos deixa numa posição de fragilidade, porque a área não está podendo pensar de uma forma mais estruturada a sua própria inserção. (Entrevista 3)

Outro ponto enfatizado pelos entrevistados refere-se ao fato dos estudantes considerarem que há uma sobrecarga de disciplinas e pouca oportunidade de atividades práticas que poderiam ser mais presentes no currículo. Como analisa uma das entrevistadas:

Talvez ela [carga de disciplinas] devesse ser um pouco menos sobrecarregada para dar chance do aluno exercer a sua autonomia e escolher as suas atividades, ou seja, as disciplinas que ele quer e fazer estágio e muitas vezes ele fica impedido por causa da questão de dar conta dos créditos. (Entrevista 8)

(...) então nós [Comissão de Graduação] nos reunimos e estamos analisando o Projeto Político Pedagógico (...) inclusive que o aluno possa ter oportunidade de ter mais experiências práticas. (Entrevista 8).

(...) fomos inserindo disciplinas e a coisa acabou numa sobrecarga para os alunos. Eles estão com pouco tempo para ter outras atividades além de cursar e cursar disciplinas. (...) estamos analisando o que dá para ser modificado, mas sem perder a essência de uma formação sólida, de uma formação crítica. (...) Que incentive a reflexão, que incentive a autonomia, a competência mesmo para conduzir uma investigação. (Entrevista 8)

Considera-se importante destacar que a discussão da formação em Psicologia para o campo da educação compreende também a concepção de educação, experiência de estágio, de pesquisa e de ensino, no campo da educação.

Concepção de educação dos entrevistados

Neste aspecto, a grande experiência dos docentes no campo se traduz em diversos aspectos sobre o tema que, de maneira geral, procura criar na relação de aprendizagem um processo reflexivo a respeito de que lugar ocupamos na sociedade, nas relações sociais, na relação com as escolas, com os educadores e com os estudantes. Trazem a possibilidade de analisar os discursos que estão cristalizados a respeito da escola, dos educadores, para

produzir possibilidades de movimentos de reflexão, bem como novas formas de escrita sobre as situações vividas no cotidiano escolar:

Agora, eu vejo o professor humilhando o aluno, como a humilhação se produz nesse cotidiano? Por que que eu estou aqui? Porque agora eu estou aqui. Como é que eu dialogo com isso? Pronto, essas quatro questões não caminhavam, porque elas ficavam num diagnóstico do professor, no diagnóstico das coisas. (Entrevista 1)

O próprio Paulo Freire falando, ele não fala essa expressão [fascismo em nós], mas vai nos contando essa paixão pelo opressor ou como esse opressor está interiorizado no oprimido. Então eu compreendo que isso é um processo de subjetivação capitalista, muito difícil. Capitalismo no sentido em que ele se forja num sentido de produção e de vida, onde a gente gera equivalentes, onde a gente hierarquiza as coisas a partir de certas métricas. (Entrevista 1)

As entrevistadas destacam também a importância do processo de aprendizagem enquanto um eixo fundamental da concepção de educação a ser conhecida e estudada pelos estudantes e tornar-se um sentido para sua prática psicológica na educação:

Aprendizagem é tudo aquilo que nos modifica. Ela é processo, mas ela é resultado também, por definição é algo que decorre da experiência. É esse sujeito implicado num ambiente, num conjunto de experiências (...) Não só no nascimento, e isso é uma coisa bacana de fazer os alunos pensarem. Quando a gente nasce, já tem uma história de nove meses e muito antes disso. Está nascendo numa família que tem suas condições, suas expectativas, seus recursos, enfim todo esse entorno. (Entrevista 2)

A concepção de educação pode também ser pensada como campo de atuação da Psicologia, seja como psicólogos escolares, seja como docentes na educação básica. Os entrevistados consideram que não há um lado neutro na educação, mas, sim, várias posições em disputa e precisamos entendê-las para nos posicionarmos:

Como é que eu vou fazer parte de uma equipe se eu acho que a escola é só professor e estudante? Como é que a psicologia ingressa nesse diálogo? Historicamente a gente não tem esse lugar. O lugar que a gente ocupa, o lugar que a psicologia ocupa nas escolas é de encaminhamento

de necessidades, supostamente individuais. Então sair desse lugar é algo que nos desafia. (Entrevista 4)

Muitas vezes essa figura do Psicólogo, o fazer do Psicólogo Escolar é desconhecido para a escola. A gente não construiu tão bem essa marca desse fazer. (...) não é incomum as pessoas dizerem: “A gente preparou uma sala para você ficar”. Porque a expectativa que as pessoas têm é de que a gente vá lá para atender pessoas. Acho que poder desconstruir isso é marcar um outro lugar, um outro tipo de trabalho, acho que isso é importante. (Entrevista 4)

Eu gosto muito do texto que o professor Sérgio Leite escreveu: “Que a nossa contribuição como professores de Psicologia da Educação Básica é contribuir com uma visão de mundo, de entendimento nesse mundo.” Uma visão crítica. (...) Não é só a questão de transmitir os conhecimentos. Isso é importantíssimo, as teorias, os conceitos, mas com uma visão de mundo. (LK). Um mundo que a gente não sabe mais que mundo é esse depois da pandemia, que virou de cabeça para baixo, com os jovens que não leem mais jornais, mas acompanham os influencers digitais, enfim. (Entrevista 3)

Para realizarmos um processo de formação na área da educação, os entrevistados chama a atenção para a necessidade de conhecermos a dura realidade social que bate à nossa porta diariamente, assim analisada:

De nossa parte, esse mundo que a gente tá vivendo. Esses conflitos no mundo inteiro, no Brasil, nas desigualdades econômicas, raciais, de gênero, dos imigrantes, dos migrantes internacionais no mundo inteiro. Então, tem novos temas a cada momento que precisa fazer parte da formação dos professores essa dinâmica do mundo. E nós como formadores precisamos saber o que está acontecendo no mundo. (Entrevista 3)

A Psicologia nos permite olhar para outras dimensões em várias áreas, como a da educação inclusiva, por exemplo:

(...) trabalhado nessa perspectiva de Educação Inclusiva, mas não numa linha que a Educação trabalha, mas numa linha que a Psicologia trabalha. Muito olhando para essas barreiras atitudinais, o que é o cuidado com o outro, o que é a relação professor aluno, o que é a relação eu outro. Muito de enxergar essa barreira que se interpõem entre um e outro e como superar essas barreiras. Esse tem sido um conteúdo que eu abordo em vários momentos e

em várias disciplinas, mas principalmente na Educação Inclusiva, onde o tema do preconceito é um tema central. (Entrevista 5)

Como é que você como Psicólogo vai atender uma população pobre, ou pessoas com deficiência ou todos esses que são alvos potenciais de preconceito. Você tem que estar muito consciente desses mecanismos para não reproduzir essa relação de opressão, de desigualdade. (...) A gente tem que entender como um mecanismo social muito presente, que a gente em algum momento teve necessidade de aderir a esse preconceito e que para superar, a gente tem que ter um ambiente de segurança, de confiança. (Entrevista 5)

Portanto, a discussão trazida pelas docentes nos alerta para a necessidade de um conhecimento enraizado na realidade social, constituído por meio da experiência, de forma a ser refletido, permitindo a transformação a respeito de atitudes que compõem o nosso dia a dia no plano do preconceito, do racismo, do autoritarismo.

Experiência de estágio no campo da educação na formação de psicólogos

Com base na Lei n.º 11.788/2008 constatamos que os estágios supervisionados são considerados elementos essenciais para a formação do futuro profissional e neste sentido, a legislação brasileira esclarece no Art. 1º:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

A questão da parte prática expressa por meio dos estágios supervisionados é um dos eixos estruturantes da formação em Psicologia e em Psicologia Escolar e Educacional. As tensões e dificuldades encontradas no plano da educação precisam ser conhecidas e há a necessidade de que as propostas de trabalho, de intervenção, de pesquisa e de estágio, possam contemplar processos de escuta, de diálogo, de compreensão sobre a realidade

educacional e escolar. Vários são os relatos que destacam esse modelo formativo no Curso de Psicologia da IES participante da pesquisa;

Então, nós criamos um mecanismo de visitarmos as escolas e oferecermos o apoio institucional; nossos estudantes participavam como estagiários nos projetos que nós construíamos como Psicólogos Escolares junto com as escolas da rede estadual de ensino próximas à universidade (...) e priorizamos as escolas que, naquela época, estavam nas “favelas”, que hoje nós chamamos de comunidades. (Entrevista 7).

O estudante participa de um trabalho cujo planejamento baseia-se em uma aproximação com a realidade da escola pública, insere-se em uma proposta acordada com a escola que pode envolver professores, coordenadores pedagógicos, estudantes e o bairro. Nas supervisões, discutimos a respeito das observações e vivências na escola e como contribuir para as problemáticas apresentadas pelos professores, estudantes e pais. Oferecemos a possibilidade de continuidade deste estágio em disciplina optativa no semestre subsequente (Entrevista 7).

A ideia é que os alunos consigam dialogar a respeito do trabalho desenvolvido na escola com profissionais das UBS- Unidades Básicas de Saúde, dos CAPS - Centros de Atenção Psicossocial e dos NASFs - Núcleo de Apoio à Saúde da Família, e outros (Entrevista 1).

A parte prática permite conhecer as concepções de educação, os aspectos que se fazem presentes no senso comum, na realidade social, nas representações sociais e que precisam ser problematizadas, criticadas e revisadas em muitos aspectos:

Acho que uma das primeiras coisas quando eu estou com uma turma de estágio e eu vou para escola com essa turma, antes de chegar lá a gente tem longas conversas. No geral, os estudantes têm um olhar de avaliação sobre aspectos negativos e positivos da escola. No início, eu priorizo a experiência dos alunos, como eles estão percebendo, como estão fazendo as articulações com os próprios valores, inclusive. Não só articulações acadêmicas com os autores que eles lêem, mas também com a própria experiência. (Entrevista 4).

(...) muitas vezes a fala dos estagiários de Psicologia se mostra muito hierarquizada. O poder da Academia: “Nós somos da Academia, vamos lá resolver os problemas da escola”. Isso me incomoda bastante, como supervisora, e

eu trabalho muito com os alunos que eles precisam ouvir, conhecer aquelas pessoas realmente e o trabalho que elas fazem. (Entrevista 4).

(...) quando a gente fala de escola, geralmente para os estudantes de Psicologia, a escola se resume ao professor, sala de aula, criança. E a escola é feita de outras pessoas e outros profissionais. Tem os professores, tem o pessoal do administrativo, tem o pessoal que trabalha na portaria, tem o pessoal que trabalha na cantina, tem o pessoal da gestão. (Entrevista 4).

Portanto, a supervisão de estágio, realizada em pequenos grupos de trabalho, semanalmente, possibilita o processo de discussão e de análise da atuação profissional nesse campo.

Talvez eu ressaltaria um aspecto a mais: a supervisão em grupo é fundamental, porque cria a grupalidade e os estagiários de Psicologia vão trabalhar em equipe, profissionalmente. Trabalharão em instituições. Mesmo que trabalhem em consultório, é uma instituição pois está articulado a outras instâncias sociais. (Entrevista 1).

Essa mesma riqueza de experiência vivida no estágio da formação de psicólogos também é vivenciada junto ao estudante que está na formação para a docência em Psicologia, trabalho realizado na disciplina de metodologia de ensino de Psicologia:

(...) a professora que está ministrando essa disciplina abriu a possibilidade de os alunos ministrarem curso de extensão. Isso está sendo uma experiência fantástica, porque eles estão ministrando cursos de extensão pelo Brasil afora nesse canal virtual, mas também presencialmente dentro da IES e nos cursinhos pré-vestibulares. (Entrevista 5).

A partir dessa experiência os estudantes da Licenciatura ressignificam a trajetória deles até esse momento, é muito interessante. (Entrevista 5).

É no grupo de supervisão que se analisa a importância da experiência do estágio e é no estágio que se compreende o espaço escolar :

O curso tem uma disciplina de Estágio Supervisionado, que é voltada a conhecer o ambiente escolar. Não é um estágio numa sala de aula, é um estágio para entender como a escola funciona. Como são as reuniões com os professores, qual é a relação da coordenação com os

professores, se os professores fazem essas reuniões ou não, quais são as articulações na escola. (Entrevista 5).

(...) para a formação dos estudantes de Psicologia é importante perceber a escola como um todo e que, a partir desse estágio, seja possível perceber a importância da escola construir um coletivo de professores e funcionários. (Entrevista 5).

No documento publicado pelo Conselho Federal de Psicologia Referências Técnicas para Atuação do Psicólogo na Educação Básica (2019)

À Psicologia Escolar e Educacional almejamos um projeto educacional que vise a coletivizar práticas de formação e de qualidade para todos; que lute pela valorização do trabalho do professor e constitua relações escolares democráticas, que enfrente os processos de medicalização, patologização e judicialização da vida de educadores e estudantes; que lute por políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento de todos e todas, trabalhando na direção da superação dos processos de exclusão e estigmatização social. (p.26).

As/Os professoras/es entrevistadas/os relatam algumas experiências de estágio em Psicologia na área da educação, que consideraram relevantes em sua prática docente.

Das experiências interessantes, destaca-se a possibilidade de utilização de metodologia de ensino participativa, estabelecendo um diálogo entre a teoria, a realidade social e as possibilidades de compreensão dessa realidade à luz do referencial teórico adotado. A experiência foi descrita da seguinte maneira: após os estudantes conhecerem autores e metodologias de trabalho que fundamentam teoricamente o processo de aprendizagem, propõe-se temas, acompanhados de pelo menos um artigo de apoio didático. Destaca que dentre os temas, os mais escolhidos recaem sobre afetividade, papel da família, bem como temas referentes a situações contemporâneas, como o papel de filmes violentos no desenvolvimento infantil, possibilitando aprofundar e refletir as contribuições da Psicologia. Os seminários também possibilitam oferecer uma oportunidade de desenvolvimento de aspectos como autonomia e iniciativa ao exigir que o estudante organize formas de comunicação, de pesquisa, de realização de entrevistas ou elaboração de recursos didáticos, como vídeos.

Outro aspecto destacado na formação discente refere-se à importância

da participação docente nas visitas às escolas e às instituições educacionais ou organizativas. No caso de atividades de estágio em escolas, o destaque se deu para a possibilidade dos estudantes participarem de todo o processo de constituição da intervenção, assim descrito: a identificação das dificuldades no processo de escolarização, a elaboração de um diagnóstico situado do contexto escolar, a construção de propostas de intervenção e a avaliação dos resultados, visando o enfrentamento das dificuldades apresentadas. Esta modalidade de atuação permitiu que fossem realizadas reflexões conjuntas com professores e coordenação escolar, ampliando o diálogo de professores com os estudantes, com as famílias e entre pares.

Para tanto, Souza (2010) afirma que:

[...] ao analisarmos a vida diária escolar, partimos também da concepção de que a escola se materializa em condições histórico-culturais, ou seja, que ela é constituída e se constitui diariamente a partir de uma complexa rede em que se imbricam condições sociais, interesses individuais e de grupos, atravessada pelos interesses do Estado, dos gestores, do bairro etc (p.136).

Outra modalidade de experiência relevante destaca a articulação entre o campo de pesquisa enquanto prática de estágio. Várias das docentes mencionam experiências de estágio que são destacadas como relevantes para a formação e que se articulam com atividades desenvolvidas no campo da pesquisa. Um dos relatos menciona que a estruturação dos conteúdos da disciplina baseia-se em temáticas de pesquisa, de forma que os estudantes precisarão se dispor a ouvir, entrevistar, aplicar instrumentos, relatar e analisar experiências com crianças nas escolas. Outra experiência destaca vivências dos estudantes em espaços escolares, o que permite que elaborem perguntas, observem situações e analisem a literatura da disciplina.

É importante ressaltar que todos os docentes que atuam no curso de formação em Psicologia e na formação para a docência em Psicologia deste curso superior também são pesquisadores em Programas de Pós-Graduação. Portanto, há uma grande relação entre o campo de pesquisa e o campo de estágio. Um dos aspectos destacados, é o fato dos Programas de Pós-Graduação da IES terem Linhas de Pesquisa e desenvolverem temas entre Psicologia e Educação, com ênfase nas políticas públicas. No processo de formação discente na Pós-Graduação destaca-se o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), que

tem como objetivo aprimorar a formação do pós-graduando para atividade didática de graduação e é composto por duas etapas: Preparação Pedagógica e Estágio Supervisionado em Docência. Portanto, há um contato direto entre estudantes de Pós-Graduação e de Graduação durante o oferecimento de disciplinas em que estejam estagiários do PAE. Outro Programa relevante para a formação é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), cujas bolsas são oferecidas para alunos licenciandos com o intuito de antecipar o vínculo com a rede pública de educação. Ressaltam os entrevistados, também, a importância dos Laboratório de Estudo e Pesquisa instalados no Instituto de Psicologia e que possibilitam uma convivência entre estudantes de graduação, de Mestrado, de Doutorado, pesquisadores e pós-doutores, visando ações conjuntas de estudos e de aprofundamento nas metodologias de pesquisa.

Por fim, é importante destacar a relação estabelecida entre ensino-cultura e extensão, verificada pelas atividades relatadas do Serviço Escola e das atividades de extensão universitária proporcionadas pelos Laboratórios, por meio de ações junto a grupos de professores e de estudantes da Educação Básica, assim como da Saúde e Assistência no apoio aos processos educacionais. Vários projetos estão implementados desde o início dos anos 2000 e caracterizam-se pela qualidade dos serviços prestados e o impacto na comunidade.

Considerações Finais

Ao final deste capítulo, considera-se importante destacar que a qualificação do corpo docente e a autonomia de trabalho no contexto de um Projeto Político-Pedagógico, construído coletivamente e que permite flexibilidade e movimentos de aperfeiçoamento, possibilitam uma formação que cumpre com os princípios da ética, do compromisso científico e social, bem como com a possibilidade de inserção dos estudantes nas políticas públicas de educação.

A estrutura de contratação do corpo docente, por meio de concurso público e a existência de uma carreira pautada na qualificação profissional e na formação científica, centrada no ensino de Graduação e Pós-Graduação, na produção científica, na pesquisa, na cultura e na extensão, possibilita a entrada

e permanência de profissionais, em constante qualificação e aperfeiçoamento, articulados com os desafios da realidade social e do contexto político, econômico, científico e social.

O currículo em movimento, pautado a partir da mudança curricular de 2004, constituiu um Projeto Político Pedagógico cujos princípios articulam uma ciência que busca sua qualidade, por meio de teorias, métodos e técnicas de diversas matrizes teórico-metodológicas, atravessados pelos princípios da ética, formando um profissional generalista, mas que constitui seus percursos formativos, a partir da diversidade de temas e de áreas de pesquisa apresentadas desde o início da formação. A presença constante da pesquisa na formação profissional possibilita o interesse por esse campo, no âmbito da Iniciação Científica, bem como sua continuidade em programas de mestrado e doutorado.

No que tange especificamente à formação de psicólogos para atuar no campo da educação, destaca-se a importância que a presença da formação para a docência tem desempenhado, por meio de disciplinas, de atividades de estágio supervisionado e atividades de extensão, trazendo a realidade da educação básica para o enfrentamento da superação do fracasso escolar e da implantação de políticas públicas. Destaque também à presença de atividades de estágio e de articulação com o campo de pesquisa desde os primeiros anos da formação em Psicologia, com um conjunto de disciplinas que possibilitam apreender os conceitos de aprendizagem, desenvolvimento, escolarização, atuação profissional em Psicologia Escolar e Educacional. O contato constante com as escolas e instituições educacionais durante todo o percurso formativo busca constituir uma *práxis*, articulando teoria e prática de modo crítico, contribuindo com os grandes dilemas e necessidades do campo da Educação, no interior de políticas públicas e de um contexto de desigualdade social.

É importante considerar que desde os anos 2016 a universidade aderiu ao acesso de parte de suas vagas pelo sistema SISU - Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação e em 2018 aprovou o sistema de cotas em que 50% das vagas são para estudantes da escola pública com percentuais específicos para estudantes pretos, pardos e indígenas. Nesse sentido, observa-se também a necessidade de que a mudança do perfil social dos estudantes seja um aspecto muito importante para a discussão curricular, das práticas de estágio e de inserção na realidade social, demandando desafios para a

permanência com qualidade social.

Um dos grandes desafios da universidade será a manutenção de condições de contratação e de trabalho docentes que venham a dar continuidade aos caminhos trilhados, sem perder a dimensão crítica da atuação do professor universitário (DOBLES, 1986), possibilitando, cada vez mais, o avanço científico na relação com as necessidades impostas pelos sistemas políticos, econômicos, culturais e sociais.

Referências

CFP - CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos (os) na Educação Básica**. Brasília: mar. 2013. 80p. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Referências-Técnicas-para-Atuação-de-Psicologas-os-na-educação-básica.pdf>. ISBN 978-85-89208-98-7

DOBLES, I. *Psicología Social desde Centroamérica: retos y perspectivas*. Entrevista con el Dr. Ignacio Martín Baró. **Revista Costarricense de Psicología**, San-Jose - Costa Rica, n. 8 y 9, p. 71-76, jun./dic.1986. ISSN 0257-1439.

SCHMIDT, M.L.S. *et.al.*; (org.). **Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano: 40 anos**. São Paulo, IPUSP, 2010, 362p.

SOUZA, M. P. R. *Psicologia Escolar e políticas públicas em Educação: desafios contemporâneos*. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p.129-149, mar. 2010. DOI <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.23i83.2255>. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2461/2199>. Acesso em: 12 out. 2023.

SOUZA, M. P. R.; RAMOS, C. J. M. *Processos educativos em currículos dos cursos de Psicologia no estado de São Paulo*. In: SOUZA, M. P. R. *et al.* (org.). **Diretrizes curriculares e processos educativos: desafios para a formação do psicólogo escolar**. Curitiba: Editora CRV, 2020. cap.4, p. 113-142.